

“A vida é uma frase interrompida...”

Victor Hugo (1802-1885)

Eduardo Diataly B. de Menezes

Hugo e Voltaire se encontram no amor da justiça e da humanidade.

ERNEST RENAN

Honrá-lo hoje com um culto, [...] é crer na força eterna e triunfante do gênio.

ÉMILE ZOLA

Um desses espíritos raros e providenciais.

BAUDELAIRE

Esta palavra forte do autor de *Les Misérables*, em grandes letras verticais, plantadas como colunas sobre uma praia a se perder num horizonte de mar sem fim, retrata bem o espírito desse grande poeta oceânico. É a imagem que abre sua bela página na Internet, sob a responsabilidade do Ministério da Cultura francês, para comemorar o bicentenário desse que é decerto a personagem de França mais conhecida no mundo. Como, porém, no dia 26 de fevereiro, data desse fato, nada vi na imprensa local que o registrasse, decidi fazê-lo temerariamente neste espaço tão diminuto para conter a desmesurada grandeza desse homem que, por sua longa existência e a força de sua obra, ocupa praticamente todo o século XIX, projetando-se no tempo. Impossível dele aproximar-se, sem exceder-se nos superlativos.

E lembro, de passagem, que 2002 foi também o ano do centenário da publicação de *Os Sertões*, cujo autor dele recebeu ampla influência. Mas não só Euclides da Cunha recebeu o influxo do grande escritor francês, visto que também aí se acha a intelectualidade brasileira do período romântico e ulterior, bem como esse prestígio espalhou-se pelo mundo afora. Em Euclides da Cunha, a influência se dá bem antes de sua ida a Canudos, e quando escreve seus primeiros artigos na imprensa qualificando o arraial como «Nossa Vendéia», era evidente a analogia com a revolta conservadora cristã, da região francesa da Vendée, contra a Revolução de 1789, tema do romance da maturidade de Victor Hugo, *Quatrevingt-Treize* (1874). Outro exemplo significativo

desse impressionante prestígio do escritor francês entre nós pode-se ver no fato de seu romance *Os Trabalhadores do Mar*, escrito no exílio, ter sido traduzido pelo jovem Machado de Assis e dado à luz pela Tipografia Perseverança, do Rio de Janeiro, em 1866, no mesmo ano de sua publicação na França.

Num século de gênios, tornar-se o grande escritor de seu país, não é pequeno cometimento. Otto Maria Carpeaux sustenta que Victor Hugo é um colosso que desafia definições; e é um clássico de sua língua que, com recursos inesgotáveis de imagens, ritmos e rimas, antíteses, onomatopéias, sonoridades, etc., seduz e tira o fôlego do leitor, que, só após a leitura, percebe que não chega a evocar facilmente de que falava o poeta: sua arte é capaz de suscitar admiração e repulsa ao mesmo tempo. [1981: 1307].

Sua extensa criação de artista plástico – ele deixou mais de dois mil desenhos que ajudam a iluminar sua visão do mundo, com seus contrastes em preto e branco – mas, sobretudo, de escritor e pensador ao mesmo tempo lírico e profundamente épico, bem como politicamente engajado nas transformações e agitações que tumultuaram o seu século, reflete por outro lado os sentimentos, fantasias e pulsões desse ser de vida agitada e itinerante desde seus primeiros anos.

* * *

Victor Marie Hugo, nascido prematuro, em Besançon, aos 26 de fevereiro de 1802, descende, por parte de seu pai, Léopold Sigisbert Hugo, de uma família de camponeses da Lorena, que seu avô, talentoso artesão e hábil comerciante, marceneiro e lenhador, chefiava com segurança; e, por sua mãe, Sophie Trébuchet, de origem bretã, descende de burgueses armadores de Nantes. Teve uma infância nômade (Córsega, Itália, Espanha), ao sabor dos deslocamentos de seu pai, coronel e depois general de Napoleão, e de seus desentendimentos com sua mulher, que a fizeram deixar o lar e levaram-na ao divórcio. Só aos 11 anos, retorna Victor Hugo a Paris, onde prossegue seus estudos secundários. Seu pai o destinava à Politécnica, mas ele termina por se formar em Direito. Sua vida irrequieta é cheia de viagens que se multiplicarão ao longo de sua existência.

Cedo inicia sua carreira de escritor, a ponto de ser laureado como poeta pela Academia Francesa aos 15 anos de idade e aos 17, coroado nos Jogos Florais de Toulouse. Aos 16 anos escreve o romance *Bug-Jargal*, só publicado em 1826 e cujo tema é uma revolta dos negros em São Domingos. A despeito da

oposição de sua mãe quanto ao seu namoro com Adèle Foucher, sua amiga de infância, casa com ela em 1822, a qual, tendo perdido o primeiro filho, Léopold, ainda lhe dará mais quatro: Léopoldine, Charles, François e Adèle – esta, afilhada de Sainte-Beuve, terá uma vida tão tumultuada e passional como o pai e mais tarde soçobrará na loucura, inspirando o belo filme de François Truffaut «*Adèle H.*»

A existência desse homem público, poeta, dramaturgo, romancista, jornalista, ensaísta, recheada de lutas, sofrimentos, emoções e exílios, mas de intensa criação artística em que pratica todos os gêneros, cobre-o de glórias e prêmios. As relações de amizade e seus amores múltiplos tanto subvertem os rumos de sua vida como lhe fornecem ocasiões de amadurecimento. A perfídia de seu amigo Sainte-Beuve, tendo comprometido sua felicidade doméstica, ele é tomado de grande paixão por Juliette Drouet, numa relação que perdurará por meio século, trazendo-lhe novos e duradouros contentamentos. Com o tempo, porém, e alguma sabedoria, eles conseguem enfim uma convivência serena e sem mais conflitos. Sua obra se amplia, assim como seu prestígio. Católico e monarquista de início, ele evolui para o liberalismo, que relaciona com o romantismo, chegando na maturidade a tornar-se o porta-bandeira da esquerda humanitária e de suas lutas.

Embora aos especialistas da literatura a grandeza de Victor Hugo seja principalmente por sua obra de poeta, foi na qualidade de autor de romances históricos e sociais, como *Nossa Senhora de Paris* (1831) e *Os Miseráveis* (1862) que gozou de enorme popularidade. Não obstante se sentir investido de uma espécie de missão sagrada como escritor, ele oscilou entre a arte pela arte e seu engajamento político, numa posição de certo equilíbrio. Sua experiência de dramaturgo, porém, rendeu-lhe fracassos e dissabores. Seu drama *Marion Desormes* (1829), posto que bem urdido, caiu sob as garras da censura a despeito das súplicas do autor a Carlos X, que não autoriza a sua representação. Ele mergulha no trabalho a fim de obter sua desforra e pouco mais de um mês depois, sua peça *Hernani* inicia sua batalha com uma primeira apresentação no Teatro-Francês (fev./1830), batalha entre a velha guarda clássica e a jovem guarda romântica, quebrando as regras estabelecidas. Os anos 30 são o período de suas grandes lutas como líder do movimento romântico e da expansão de seu gênio lírico, apesar e em virtude de seus sofrimentos domésticos e de seus novos amores: ele publica seguidamente suas grandes coletâneas poéticas, tais como, *As Folhas de Outono* (1831) – poemas dominados pela melancolia, *Os Cantos do Crepúsculo* (1835) – com seus versos marcados pela angústia, *As*

Vozes Interiores (1837) – que expressam suas três vozes de poeta: a do homem, a da natureza e a dos acontecimentos. Essa expansão de seu lirismo se completa com *Os Clarões e as Sombras* (1840), que marcam uma renovação de sua inspiração, abrindo-se mais ainda, generosamente, aos problemas humanos; assim, ele já não se contenta em ser «o eco sonoro» de seu tempo, visto que se crê agora o profeta do futuro, a estrela que guia a marcha da humanidade.

Mas se era intensa nele a consciência da superioridade de seu gênio criador, a ponto de gerar evidente sentimento de orgulho, ele só ascende à culminância de sua arte em conseqüência de duas violentas crises, geradas uma pelo luto e a outra pelo exílio, quando proscrito de sua pátria. Com o tempo isso o consagrará como a maior figura literária do século XIX.

Com efeito, em junho de 1838, ele põe em cena um drama em cinco atos, *Ruy Blas*, cuja ação, como a de *Hernani*, se passa na Espanha. Esta peça se tornará a obra-prima de sua dramaturgia, onde a trama sentimental e trágica mistura-se a elementos cômicos, aliando assim o *grotesco* e o *sublime*, com que consegue melhor ilustrar seu princípio da mistura dos gêneros, enunciada desde o célebre *Prefácio* do seu *Cromwell* (1827). Com efeito, nessa peça, tornada famosa por seu prefácio, este veio a ser uma espécie de manifesto que transformou Hugo definitivamente em líder do movimento romântico francês, distanciando-o dos românticos alemães. Nele, V. Hugo dizia pretender meter «o martelo nas teorias, nas poéticas e nos sistemas». Quando se sabe da grande admiração de Nietzsche pelo poeta, pode-se supor que o pensador alemão se inspirou aí para afirmar sua filosofia construída a marteladas. Victor Hugo elabora nesse prefácio uma espécie de teoria do drama a partir de uma visão simbólica da História, pela qual a cada era corresponde uma maneira específica de expressão literária. Ele distingue assim três eras: 1ª – as idades *primitivas* de pureza e inocência, delas segue-se o primado da expressão poética e do lirismo; 2ª – as idades *antigas* caracterizadas pela organização sociopolítica e pelos conflitos guerreiros, delas decorre uma literatura heróica: tragédia e epopéia; 3ª – as idades *modernas*, inauguradas pelo cristianismo que instaura a oposição entre a alma e o corpo, a carne e o espírito, o bem e o mal: essa dualidade do ser humano traduz-se então pela expressão dramática, isto é, uma literatura verdadeiramente moderna deve levar à expansão do gênero, o que exige a formulação de sua teoria, que se contrapõe à doutrina da separação dos gêneros, pois opta por sua «mistura»: o grotesco e o sublime. Portanto, a regra clássica das três unidades é vista como falsa: o drama deverá restituir à cena a totalidade espacial, local e histórica da realidade humana, cedendo o primado

à «cor local», isto é, à singularidade da cultura que representa.

Todavia, em 1843, ele demonstra algum distanciamento do lirismo e a inspiração épica parece ser sua inclinação dominante: ele passa a considerar toda a sua obra anterior (poemas, romances e ensaios) como os fragmentos esparsos que preparam o seu propósito de escrever uma grande epopéia. De fato, ele elabora então aquilo que será seu derradeiro drama: uma peça épica, *Os Burgraves*, cuja idéia lhe veio quando de uma viagem pela margem do Reno, em companhia de Juliette; obra grandiosa mas prolixa que, no entanto, foi vaiada no Teatro-Francês. Desencorajado, V. Hugo abandona a dramaturgia.

Em 1841, depois de três tentativas malogradas, é eleito para a Academia Francesa. Mas é o ano de 1843 que marcará a maior dor de sua existência: no dia 4 de setembro, sua filha mais velha, Léopoldine, de 19 anos, a mais querida de seus quatro filhos, durante um passeio de barco pelo Sena, morre afogada acidentalmente perto do povoado de Villequier, com seu marido, Charles Vacquerie, com quem se casara seis meses antes. O pai viajava com Juliette pelos Pirineus e Espanha, e só no dia 9 de setembro lê por acaso, num albergue, o relato do acidente. É fácil de imaginar seu desespero de pai amoroso. Um ano depois, ele dirá a sua dor, sobretudo nestes versos do poema *À Villequier*:

«Oh! Fiquei como louco àquela altura.

Ai de mim! E chorei três dias com amargura.»

Esta morte e a morte da filha de Juliette Drouet parecem ter despertado outra vez sua inspiração lírica, e mais tarde, em *As Contemplações* (1856), sua melhor coletânea no gênero, consagrará vários poemas às duas jovens. Todavia, nomeado Par de France em 1845, ele buscará em seguida na ação política um derivativo para sua dor. É intensa sua participação nesse período: luta em favor da Polônia, contra a injustiça social, a censura, a repressão, a pena de morte, etc. A Revolução de 1848 o deixa abatido, porém o governo de Lamartine, a criação do sufrágio universal pelo qual se batera, trarão para o regime um perfil de romantismo no poder. Os eleitores de Paris levaram V. Hugo à Assembléia Constituinte e depois à Nacional. Ele aspira para si o Ministério da Instrução pública, mas o príncipe-presidente descarta sua candidatura. No ano de 1850, suas intervenções na tribuna contra a pena de deportação, contra as restrições ao sufrágio universal, em favor da liberdade de imprensa, etc. suscitam sua passagem progressiva para a esquerda da Assembléia Nacional. Seu jornal, *l'Événement*, tem sua venda proibida em via pública. No mesmo ano,

V. Hugo pronuncia o elogio fúnebre de Balzac, em seu túmulo no cemitério do Père-Lachaise. No ano de 1851, os conflitos e agitações se intensificam. A 17 de julho, num discurso violento perante a assembléia agitada, V. Hugo denuncia as ambições ditatoriais de «*Napoléon le Petit*». A 2 de dezembro, sobrevém o Golpe de Estado. Ele tenta organizar a resistência em Paris. Mas a repressão o leva a fugir para Bruxelas, antecipando-se à sua proscricção que se dará oficialmente no início de 1852. Sem delongas, Juliette, que velara por sua segurança, mesmo sendo ela própria procurada, junta-se a ele. Depois de breve permanência aí, ele deixa Bruxelas em agosto de 1852, com sua família, partindo para Jersey, a maior das ilhas do arquipélago anglo-normando, onde se instala na casa Marine-Terrace. Ainda em Bruxelas, elaborava panfletos e iniciava a reconstituição do golpe em seu *História de um Crime*, só publicado bem mais tarde. Em 1855, o protesto contra a viagem da rainha Victoria a Paris, realizado por cerca de 40 proscritos, em Jersey, dentre os quais o próprio V. Hugo, lhes valeu a própria expulsão. Ele segue com sua família e Juliette para Guernsey, a segunda em tamanho das ilhas do arquipélago. Trabalhador metódico, ele produz sem parar. E o sucesso de seu *As Contemplações* (1856) permite-lhe adquirir a propriedade de Hauteville-House que, com suas habilidades manuais, decora e rearranja a seu modo, em especial uma peça enviaçada, de onde desfruta uma vista sobre a costa da França. Levantando-se diariamente às seis da manhã, trabalha com afinco, mas equilibrando esse esforço mental com atividades manuais, bom marceneiro que era, como seu avô, e sem contudo deixar de seguir os acontecimentos: toma a defesa dos povos oprimidos e exprime de longe, aos jovens de sua pátria, sua fé no triunfo final da liberdade e da justiça. Torna-se ardente republicano e, em 1859, rejeita desdenhosamente a anistia concedida por Napoleão III. Engrandecido por esse longo exílio de quase duas décadas, o proscrito de Guernsey goza de um renome mundial. Esta constitui a fase mais fecunda e madura de sua produção, em que seu gênio ascende ao mais alto nível: *Os Suplícios* (1853), *As Contemplações* (1856), *A Legenda dos Séculos*, 1ª série (1859), *Os Miseráveis* (1862), *William Shakespeare* (1864), *Canções das Ruas e dos Bosques* (1865), *Os Trabalhadores do Mar* (1866), *O Homem que ri* (1869), e inúmeras outras criações. Quase tudo quanto publicou depois, foi tirado dos manuscritos desse exílio inesgotável...

Só voltou a Paris com a queda do Império, dois dias após a proclamação da República. Em 1871, é eleito deputado à Assembléia Nacional, mas demite-se de seu mandato. Os acontecimentos da guerra civil – que ele evoca

em versos em *O Ano Terrível* – o perturbaram. Decepcionado com o novo regime, retorna à sua morada de Hauteville-House, onde permanece por onze meses. Ainda que nomeado senador em 1876, já não se envolve tanto com a vida pública. Rumina suas reflexões sobre as grandes questões metafísicas da existência e do universo, sobre a presença e o papel do Mal, e vai disseminando suas idéias em seus poemas, narrativas e ensaios, como sempre o fizera. Havia em toda sua imensa obra a presença mais ou menos dissimulada de um pensador, que exprimia por esse modo sua inclinação para o monólogo.

Relata Thibaudet que alguém deteve Lamartine na rua dizendo-lhe: «*Pensando sempre!*», ao que este respondeu: «*Mas eu não penso jamais; minhas idéias pensam por mim*». E o crítico acrescenta: «ele estava certo, visto que suas idéias lhe forneciam, como uma fonte de quatro bicas, a inspiração, o ritmo, a desenvoltura e a eloquência. De Victor Hugo poder-se-ia dizer, com igual propriedade, que as palavras escrevem por ele. Mas as suas idéias não pensam por ele. É ele quem as pensa; e, sobretudo, é ele quem pensa.» [1951: 169]. É isso que o poeta resumiu nestes versos:

*«Dans la vie infinie on monte et l'on s'élançe,
Ou l'on tombe; et tout être est sa propre balance.»¹*

* * *

Com freqüência, ao longo das agitações políticas de que participou, usou seu prestígio de intelectual respeitado para obter a libertação ou a anistia de condenados desses movimentos, como ocorreu na Comuna de Paris. Homem de grandes gestos generosos, em 1881, às vésperas de seus 80 anos, objeto de amplas homenagens em Paris, ele registrava em seu Testamento: «*Verdade, luz, justiça, consciência é Deus [...]. Eu dão todos os meus manuscritos e tudo o que for achado escrito ou desenhado por mim à Biblioteca Nacional de Paris.*» Dois anos depois, no Codicilo Testamentário, ele declarava ainda: «*Eu dão 50 000 F [um milhão de francos atuais] aos pobres. Desejo ser levado ao cemitério no furgão mortuário deles. Recuso a oração de todas as Igrejas; peço uma prece a todas as almas. Eu creio em Deus.*» Todavia, esse seu último desejo não foi respeitado: quando de sua morte a 22 de maio de 1885, Câmara e Senado votam suas exéquias nacionais. Assim, exposto sob o Arco do Triunfo, seu corpo é velado pelo povo e depois acompanhado até o Panteão.

Ninguém parece mais especificamente francês que Victor Hugo.

¹ Na vida infinita monta-se e para o alto se lança / Ou cai-se; e todo ser é sua própria balança».

O próprio poeta definia-se a si mesmo nestes dois versos que resumem a amplitude de seu gênio:

*Mon âme aux mille voix, que le Dieu que j'adore
Mit au centre de tout comme un echo sonore.*²

Mas, por outro lado, poucos conseguem superá-lo como grande figura da Humanidade. Creio que a melhor definição desse ser complexo nos deu a lucidez de Nietzsche:

«*Um farol no mar do absurdo.*»³

***Professor Titular da UFC e da UECE, membro do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras. ediatahy@secrel.com.br**

INDICAÇÕES SUMÁRIAS SOBRE OBRAS DE VICTOR HUGO

N = narrativa (em geral, romances); P = poesia; T= teatro; E = ensaio.

Han d'Islande (1823) – N. [Han de Islândia].

Odes et Balades (1826) – P. [Odes e Baladas].

Cromwell, précédé d'une Préface (1827) – T.

Les Orientales (1829) – P. [As Orientais].

Le dernier jour d'un condamné (1829) – N. [O último dia de um condenado].

Marion Delorme (1829) – T.

Hernani (1830) – T.

Les Feuilles d'Automne (1831) – P. [As Folhas do Outono].

Notre-Dame de Paris (1831) – N. [Nossa Senhora de Paris].

Le Roi s'amuse (1832) – T. [O Rei se diverte].

Lucrèce Borgia (1833) – T. [Lucrecia Borgia].

Marie Tudor (1833) – T. [Maria Tudor].

Littérature et Philosophie mêlées (2 vols., 1834) – E. [Literatura e Filosofia misturadas].

Les Chants du Crépuscule (1835) – P. [Os Cantos do Crepúsculo].

2 Minha alma de mil vozes, que Deus a quem adoro / Pós no centro de tudo como um eco sonoro. »

3 Apud CARPEAUX: *op. cit.*, p. 1309.

Angelo, tyran de Padoue (1835) – T. [Angelo, tirado de Pádua].
Les Voix intérieures (1837) – P. [AS Vozes interiores].
Ruy Blas (1837) – T.
Les Rayons et les Ombres (1840) – P. [Os Clarões e as Sombras].
Les Burgraves (1843) – T. [Os Burgraves].
Douze Discours (1851) – E. [Doze Discursos].
Les Châtiments (1853) – P. [Os Suplícios].
Les Coteplations (1856) – P. [As Contemplações].
La Légende des Siècles, I (1859) – P. [A Legenda dos Séculos, I].
Les Misérables (1862) – N. [Os Miseráveis].
William Shakespeare (1864) – E.⁴
Les Chansons des Rues et des Bois (1865) – P. [As Canções das Ruas e dos Bosques].
Les Travailleurs de la Mer (1866) – N. [Os Trabalhadores do Mar].
L'Homme qui rit (1869) – N. [O Homem que ri].
L'Année terrible (1872) – P. [O Ano terrível].
Quatrevingt-Treize (1873) – N. [Noventa e três].
La Légende des Siècles, II (1877) – P. [A Legenda dos Séculos, II].
L'Art d'être grand-père (1877) – P. [A Arte de ser avô].
L'Histoire d'un Crime (tome I, 1877; tome II, 1878) – N. [A História de um crime].
Le Pape (1878) – P. [O Papa].
L'Âne (1880) – P. [O Asno].
Les Quatre Vents de l'Esprit (1881) – P. [Os Quatro Ventos do Espírito].
Torquemada (1882) – T.
La Légende des Siècles, III (1883) – P. [A Legenda dos Séculos, III].

E inúmeros manuscritos inéditos e outras obras póstumas, como *La Fin de Satan*, 1886 (P) e *Dieu*, escrita em 1855 e editada em 1891 (P). No Brasil, uma das melhores edições de obras de Victor Hugo pertence à Biblioteca Universal da Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro. Em Portugal, há edição em dois volumes, sobretudo dos romances, pela Lello, do Porto. No original, uma das edições mais recentes e completas é:

4 Há uma velha edição brasileira deste belo ensaio de Victor HUGO, no qual se notam as inclinações ocultistas do autor, bem assim a sua força de pensador, como em outras obras suas: *William Shakespeare* (Vida e Obra). Rio de Janeiro: Editora Pan-Americana S/A, 1944. Como se sabe, em seu exílio, V. Hugo iniciou-se nas práticas espíritas.

Correspondance familiale et écrits intimes, 1- 1802-1828 et 2 - 1828-1839, préface de Jean Gaudon, Jean Gaudon, Sheila Gaudon et Bernard Leuilliot [dir.], R. Laffont, «Bouquins», 1985, (982 p.) et 1991 (XXXIX – 1002 p.)

Œuvres complètes. Roman I. Han d'Islande, Bug Jargal, Le Dernier Jour d'un condamné, Notre-Dame de Paris, Claude Gueux, présentation, notices et notes de Jacques Seebacher, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (VII-970 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Roman II. Les Misérables, présentation, notices et notes de Guy et Annette Rosa, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (XV-1270 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Roman III. L'Archipel de la Manche, Les Travailleurs de la mer, L'Homme qui rit, Quatrevingt-Treizes, présentation, notices et notes de Yves Gohin, Bernard Leuilliot, Jean Gaudon, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (V-1135 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Poésie I. Premières Publications, Odes et Ballades, Les Orientales, Les Feuilles d'automne, Les Chants du crépuscule, Les Voix intérieures, Les Rayons et les Ombres, présentation, notices et notes de Claude Gély, Bernard Leuilliot, Gabrielle Chamarat, Nicole Savy, Jean-Pierre Raynaud, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (VII-1118 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Poésie II. Châtiments, Les Contemplations, La Légende des siècles - première série, Les Chansons des rues et des bois, La Voix de Guernesey, présentation, notices et notes de Jean Gaudon, Sheila Gaudon, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (V-1112 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Poésie III. L'Année terrible, La Légende des siècles - nouvelle série, La Légende des siècles - dernière série, L'Art d'être grand-père, Le Pape, La Pitié suprême, Religions et religion, L'Ane, Les Quatre Vents de l'esprit, présentation, notices et notes de Jean Delabroy, Claude Millet, Yves Gohin, Jean-Claude Fizaine, Danièle Gasiglia-Laster, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (IV-1524 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Poésie IV. La Fin de Satan, Toute la lyre, Dieu, Les Années

funestes, Dernière gerbe, Océan vers [texte établi par R. Journet], *Le Verso de la page* [texte établi par Pierre Albouy], présentation, notices et notes de Bernard Leuilliot, René Journet, Evelyn Blewer, Pierre Laforgue, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (XIII-1192 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Théâtre I. Cromwell, Amy Robsart, Hernani, Marion de Lorme, Le roi s'amuse, Lucrèce Borgia, Marie Tudor, Angelo tyran de Padoue, La Esmeralda, présentation, notices et notes de Anne Ubersfeld, Arnaud Laster, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (XVII-1477 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Théâtre II. Ruy Blas, Les Burgraves, Théâtre en liberté, Les Jumeaux, Mille francs de récompense, L'Intervention, présentation, notices et notes de Anne Ubersfeld, Anne Maurel, Jean-Claude Fizaine, Arnaud Laster, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (XIV-997 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Critique. La Préface de Cromwell, Littérature et philosophie mêlées, William Shakespeare, Proses philosophiques des années 60-65, présentation, notices et notes de Jean-Pierre Reynaud, Anne Ubersfeld, A.R.W. James, Bernard Leuilliot, Yves Gohin, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (XIII-761 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Politique. Paris, Mes Fils, Actes et Paroles I, II, III et IV, Testament littéraire, Préface à l'édition «ne varietur», présentation, notices et notes par Jean-Claude Fizaine, Yves Gohin, Bernard Leuilliot, Josette Acher, Marie-Christine Bellosta, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1985, (1178 pp.).

Œuvres complètes. Histoire. Napoléon le Petit, Histoire d'un crime, Choses vues [texte établi par Jean-Claude Nabet, Caroline Raineri, Guy Rosa, Carine Trévisan], présentation, notices et notes de Sheila Gaudon, Jean-Claude Fizaine, J.-C. Nabet, C. Raineri, G. Rosa, C. Trévisan, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1987, (XIII, 1540 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Voyages. Le Rhin, En marge du Rhin [texte établi par Evelyn Blewer], *Fragment d'un voyage aux Alpes, France et Belgique, Alpes et Pyrénées* [texte établi par Claude Gély et Corinne Chuat], *Voyages et excursions ; Carnets de la guerre et de la Commune - Pièces complémentaires à Choses vues*, [texte établi par Guy Rosa, Jean-Claude Nabet, Caroline Raineri, Carine Trévisan]; J.

Drouet, *Journal du voyage de 1843* [texte établi par Corinne Chuat] ; Charles Hugo, *Victor Hugo en Zélande*, présentation, notices et notes de Claude Gély, Evelyn Blewer, Corinne Chat, Jacques Seebacher, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1987, (XVI-1313 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Océan. Océan prose ; Philosophie prose ; Faits et croyances; Moi, l'amour, la femme ; Philosophie vers ; Plans et projets, présentation, établissement du texte, notices et notes de René Journet, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1989, (XI-566 p.) [rééd. 2002]

Œuvres complètes. Chantiers. Reliquat de Notre-Dame de Paris, Suite de Châtiments, La Fin de Satan (fragments), Dieu (fragments), Le Dossier des Misérables, Autour des Chansons des rues et des bois, Fragments critiques, Fragments dramatiques, présentation, établissement du texte, notices et notes de René Journet, Jacques Seebacher, Evelyn Blewer, A.R.W. James, Yves Gohin, Arnaud Laster, Paris: R. Laffont, «Bouquins», 1990, (XIV-1138 p.) [rééd. 2002]

E mais estas edições de volumes outros de sua caudalosa correspondência:

Correspondance Victor Hugo-Pierre-Jules Hetzel (1852-1853). Publication de "Napoléon-le-Petit" et des "Châtiments", texte établi, présenté et annoté par Sheila Gaudon, Klincksieck, «Bibliothèque du XIXe siècle», 1979, (542 p.)

Lettres à Juliette Drouet. Correspondance 1833-1883 suivi de *Le Livre de l'anniversaire*, J. Gaudon [éd.] et Juliette Drouet, *Lettres à Victor Hugo. Correspondance 1833-1882*, E. Blewer [éd.], Fayard, 2001 [coffret de deux volumes. rééd. revue et augmentée de Har/po, 1985].

Lettres. Victor Hugo, Victor Schoelcher, textes établis, présentés et annotés par Jean et Sheila Gaudon, Flohic Éditions, 1998, (272 p., ill.)

Correspondance croisée. Victor Hugo - Charles Nodier, textes établis, présentés et annotés par Jacques-Rémi Dahan, préface de Raymond Setbon, Bassac, Plein Chant, «L'Atelier furtif», 1987, (198 p.)

ALGUMAS FONTES PARA SEU ESTUDO

É imensa a fortuna crítica sobre Victor Hugo e sua obra. Menciono apenas alguns títulos:

AUDIAT, P.: *Ainsi vécut Victor Hugo*. Paris: Hachette, 1947.

BANDEIRA, Manuel: *Noções de História das Literaturas*, 3ª edição revista e aumentada. São Paulo: Comp. Edit. Nacional, 1946. [Excelente obra em suas apreciações, a despeito da modéstia do título: foram suas notas de aula na Faculdade de Filosofia da antiga Universidade do Brasil].

BARRÈRE, J.-B.: *La Fantasia de Victor Hugo*. Paris: José Corti, 1949.

BESSON, André: *Victor Hugo - Vie d'un géant*, France-Empire, 2001.

CARPEAUX, Otto Maria: *História da Literatura Ocidental*, v. 5. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981. [V. todo o cap. 3: «Romantismos de Oposição», onde inclui Victor Hugo, pp. 1307-1312].

.CASTEX, Pierre-Georges et SURER, Paul: *Manuel des Études Littéraires Françaises*, v. 5 – XIX^e Siècle. Paris: Hachette, 1950.

DESSEMOND, Maurice: *Victor Hugo*, Edito Gorges Naef à Genève, 2002.

GALLO, Max: *Victor Hugo*, t. 1 «*Je suis une force qui va*» 1802-1843 et t. 2 «*Je serai celui-là !*» 1844-1885, Editions XO, 2001

LAFORGUE, Pierre: *Hugo - romantisme et révolution*, Presses Universitaires Franc-Comtoises, diff Les Belles Lettres, 2002.

LEMAÎTRE, Henri: *Dictionnaire Bordas Littérature Française et francophone*. Paris: Bordas, 1985.

MACY, John: *História da Literatura Mundial*, 3ª edição Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Comp. Edit. Nacional, 1946.

PENA-RUIZ, Henri et SCOT, Jean-Paul: *Un poète en politique - Les combats de Victor Hugo*, Paris: Flammarion, 2001.

PEYRACHE-LEBORGNE Dominique [dir.], *Victor Hugo ou les frontières effacées: horizons du romantisme*, Pleins feux à Nantes, 2002.

THIBAUDET, Albert: *História da Literatura Francesa*. São Paulo: Martins, 1951.

Hugo, Dumas et nous, dossiê consagrado a Victor Hugo e Alexandre Dumas, da *Revue des Deux Mondes*, Paris, nº janeiro 2002.

Victor Hugo portrait d'un génie, dossiê consagrado a V. Hugo, da revista *L'Histoire*, Paris, nº de janeiro 2002.

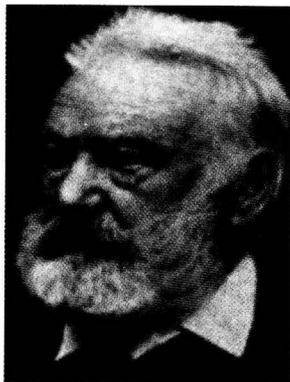
Victor Hugo, deux siècles de légende, dossiê consagrado a V. Hugo, da revista *Magazine Littéraire*, Paris, nº de janeiro 2002.

Mediante um desses portais de busca na Web, pode-se encontrar pelo menos 287.000 páginas de referências a Victor Hugo. Além disso, sua página oficial na Internet, sob a responsabilidade do Ministério da Cultura francês, é rica de informações adicionais, inclusive sobre a filmografia de suas obras, ou recursos em CD, DVD, vídeos, antologias, álbuns, etc.: <http://www.victorhugo.culture.fr>. Outra página a seu respeito também com boas informações: <http://pages.globetrotter.net/pebcr/hugo.html>

ILUSTRAÇÕES



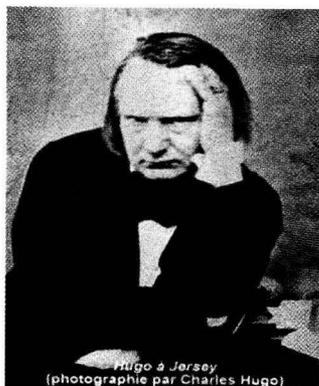
Foto da *Home Page* oficial de Victor Hugo.



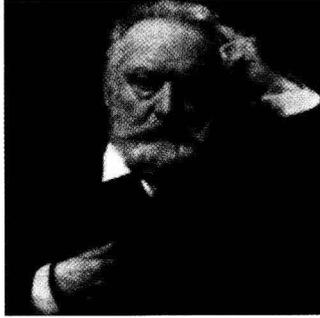
Victor HUGO (1802-1885).



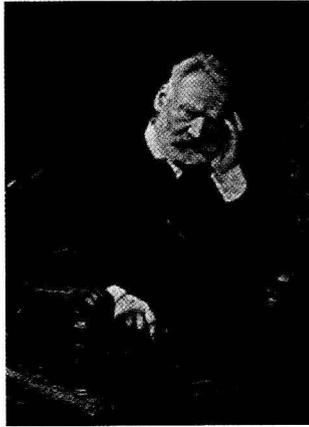
Victor HUGO jovem.



Victor HUGO no exílio, em Jersey.



Victor Hugo (1879), retrato por Leon Bonnat.



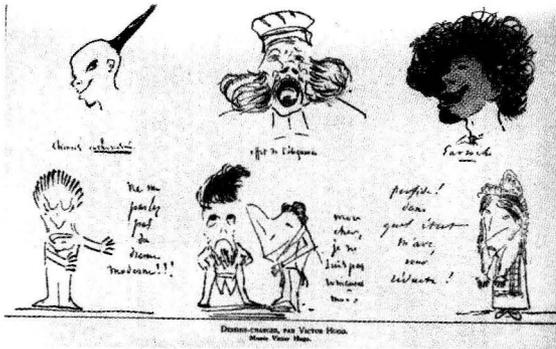
Victor Hugo na sua velhice.



Adèle Foucher (1805-1868), sua mulher.



Juliette Drouet (1806-1883), sua amante por meio século.



Desenhos-charges de Victor Hugo.



Desenho de V. Hugo – seu imaginário do mistério do céu.



Photos Hochette,

PAYSAGES FANTASTIQUES.
Dessins à la plume de Victor Hugo.

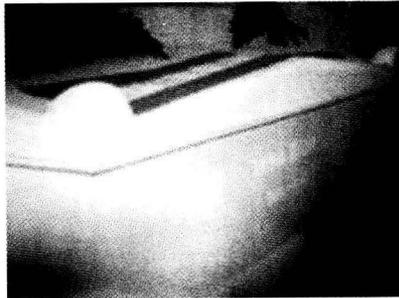
PAISAGENS FANTÁSTICAS – desenhos a pena de V. Hugo.



Photo Musée V. Hugo.

LA MAISON DE MARINE-TERRACE, A JERSEY.

A Casa de Marine-Terrace, em Jersey (foto do Museu V. H.).



Seu túmulo no Panteão, Paris.

SIGNATURE DE VICTOR HUGO.

Assinatura de Victor Hugo.